

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Amazônia / Desmatamento  
 Data: 05/09/94 Pg.: 413 183

AMBIENTE

Alta temperatura mata árvores no Acre

Carlos Ruggi/AE—14/10/88

*Vegetação está morrendo por causa da perda de umidade da terra, segundo geógrafo*

CHICO ARAÚJO  
 Especial para o Estado

A vegetação alta do Acre, que possui madeiras resistentes como o cumarú-ferro, está morrendo devido a um processo identificado como dissecação — perda de umidade da terra. O fenômeno é causado pelas altas temperaturas na Amazônia, principalmente em função das queimadas. A constatação é do geógrafo da Universidade Federal do Acre (UFAC), Nazareno de Oliveira Lima, 38 anos. Desde 1985, Oliveira pesquisa o fenômeno às margens dos rios e igarapés dos municípios de Assis Brasil, Brasiléia, Xapuri e Sena Madureira.

Com o dissecação, que é causado pela diminuição da biomassa e temperaturas elevadas, nos últimos 30 anos cerca de 50% dos vegetais adultos, mesmo estando em terras firmes (morros), estão morrendo.

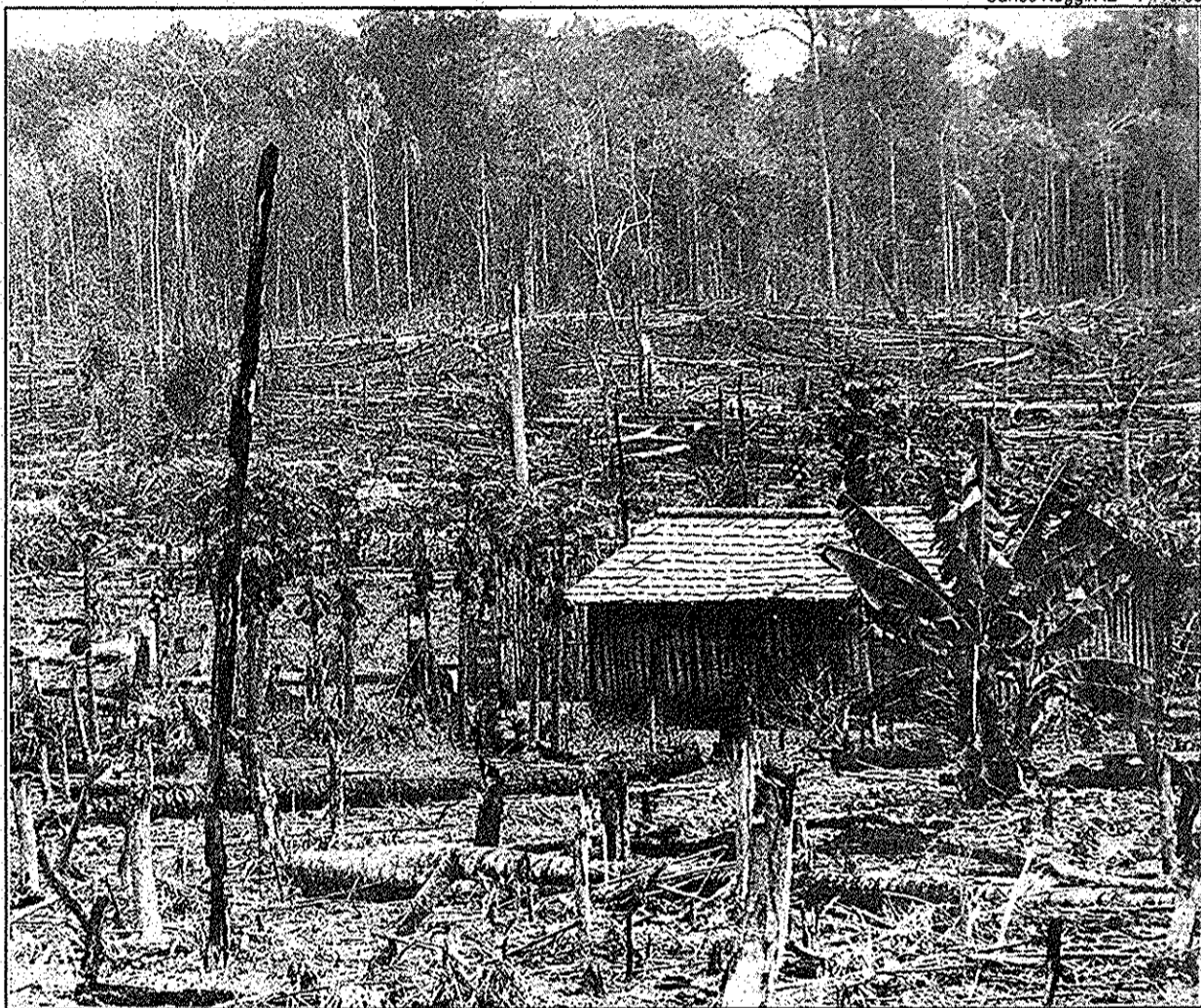
“Nas áreas sem tabocais (espécie de bambuzais), o índice de morte de árvores chega a 20%”, diz Oliveira. Nas regiões de baixos — aquelas que ficam próximas aos igarapés —, as mortes dos vegetais por dissecação atingem 15% de uma área de 5 mil hectares pesquisados pelo geógrafo.

**Ameaça** — A diminuição da biomassa, provocada pela elevação de temperatura, segundo Oliveira, é uma grande ameaça à vegetação do Acre. “Não haverá, com isso, matéria orgânica suficiente para manter o equilíbrio e a germinação dos vegetais.” O geógrafo afirma que uma árvore adulta necessita de grande quantidade de umidade para sobreviver, o que é impossível com o fenômeno de dissecação.

O geógrafo Nazareno de Oliveira adverte, por exemplo, que o dissecação poderá transformar, em poucos anos, algumas regiões do Acre em desertos. Oliveira vai defender sua tese num curso de pós-graduação que fará, ainda este ano, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Ele contesta tese de pesquisadores de que a vegetação só morre em áreas próximas aos tabocais (bambuzais).

“Não é verdade, pois a taboca (bambú selvagem) existe há mais de 200 anos nos vales do Acre, Yaco, Purús e Chandless e se tivesse um alto grau de toxicidade, como muitos afirmam, não haveria mais nenhuma árvore nessas regiões”, explica.

Além dos dissecações, o geógrafo Nazareno de Oliveira constatou que a devastação na região de Xapuri, a 230 quilômetros de Rio Branco, onde concluiu no mês passado sua pesquisa, aumentou com a quase falência do extrativismo — produção de borracha e castanha —, a partir da década de 70. “Os seringueiros se transformaram em pequenos devastadores”, diz. Ao invés de cortar seringa, eles fazem derrubadas para plantar e criar gado, contribuindo com o aumento do dissecação das florestas.



De acordo com o geógrafo Oliveira, as queimadas estão ajudando a alterar o clima da região